



## **PADRE ALFREDO PINTO DÂMASO: O INTERCESSOR DOS CARNIJÓ/FULNI-Ô**

*Deisiane da Silva Bezerra<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Interessa-nos evidenciar a rede de relações, entre o início dos anos 1920 e meados de 1950, tecida pelo Padre Alfredo Pinto Dâmaso, então pároco nas cidades de Águas Belas/PE e Bom Conselho/PE, que contribuiu para o ressurgimento étnico dos Carnijó/Fulni-ô. Considerando o protagonismo indígena, que em meio fragilidades políticas e sociais, compreenderam a oportunidade para superar os entraves para o seu reconhecimento oficial, através da mediação do sacerdote. Para essa discussão, nos fundamentaremos em autores como Edson Silva, João Pacheco de Oliveira, Geertz, e Michel de Certeau. Utilizaremos fontes documentais disponíveis no acervo do Memorial Pe. Alfredo Dâmaso (Bom Conselho/PE).

**PALAVRAS-CHAVE:** Conexões. Mediação. Reconhecimento étnico.

### **INTRODUÇÃO**

Os povos indígenas no Nordeste, afirmaram identidades étnicas reestruturando-se socioculturalmente, como protagonistas em contextos históricos permeados por processos de territorialização. O primeiro ocorreu entre o século XVII e XIX com as missões religiosas, promovendo uma expansão colonizadora da Coroa portuguesa; a partir do incentivo aos casamentos entre indígenas e colonos brancos nos antigos aldeamentos elevados a vilas. Posteriormente por meio da Lei de Terras de 1850, que propiciou a regularização das propriedades rurais favorecendo a fixação de descendentes de colonos portugueses que se instalaram em terras de antigos aldeamentos para se dedicarem as atividades agrícolas. E o segundo, no início do Século XX com a criação de um órgão indigenista oficial, o Serviço de Proteção aos Índios/SPI, atuando para a assimilação dos índios, ainda que garantindo o reconhecimento da condição diferenciada de grupos indígenas diante da sociedade

---

\* Graduada em História pela Universidade estadual de Alagoas. Especialista em História pela Faculdade São Luís de França/SE. Mestranda em História pelo PPGH UFCA. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado orientada pelo professor Dr. Edson Silva UFPE/UFCA. Professora da educação básica na Secretaria Municipal de Educação-SEMED em Igaci. Membro do Grupo de Pesquisa de História Indígena de Alagoas – GPHIAL – Coordenado pelo Prof. Me. José Adelson Lopes Peixoto.





nacional, possibilitando a assistência por meio da construção dos Postos Indígenas. (OLIVEIRA, 1999; SILVA, 2012)

Nas primeiras décadas do século XX, os povos indígenas no Nordeste, estimulados por condições sociopolíticas favoráveis, após um longo período de silenciamento oficial com a extinção dos aldeamentos em fins do Século XIX, agiram de maneira estratégica naquele momento histórico, buscando apoio em alianças com não-índios para instalação de Postos Indígenas, considerando que a afirmação étnica estava vinculada com as possibilidades da sobrevivência física e étnica. (OLIVEIRA, 1999; SOUZA LIMA, 1995)

Neste contexto, os Carnijó/Fulni-ô<sup>2</sup>, habitantes em Águas Belas/PE, perceberam a necessidade política de uma mediação entre indígenas e Estado e buscaram-na por intermédio de Padre Alfredo Pinto Dâmaso, naquela ocasião Pároco nas cidades de Bom Conselho e Águas Belas/PE, que, inteirado dos conflitos entre fazendeiros e índios e conhecedor da situação, empenhou-se na defesa dos indígenas.

### **TEIAS, CONEXÕES E ALIANÇAS**

Partindo do ponto de vista que os acontecimentos não ocorrem de forma isolada, deslocados no tempo e espaço, compreende-se também que as redes de relações são pensadas estrategicamente. De acordo com as necessidades e interesses de sujeitos em relação a outros. Propiciando troca de gentilezas, elogios e favores.

No transcorrer de uma análise, os “pedaços” que pareciam não se encaixar a lugar algum, vão tomando a forma em alguns espaços em branco existentes, quando se faz referência ao lugar onde se desenrola as ações estudadas, possibilitando traçar as teias de conexões. Buscando fazer o caminho inverso da história, dos resultados aos motivos pelos quais se desenrolaram as primeiras ações, é possível chegar a resultados contemplando a complexidade dos processos históricos.

A partir do momento que se tece as conexões, a história deixa de ser muda, ao apontar para os campos onde essas práticas são articuladas, amortizando as dívidas das histórias não contadas e marcando as especificidades das experiências, assim como, as alianças que se formam suas peculiaridades, as mobilizações que determinam o espaço e o tempo em que as narrativas são contadas. (CERTEAU, 2014)

---

<sup>2</sup> Chamados pelos não índios de “Carnijós”, os índios habitantes em Águas Belas autodenominavam-se Fulni-ô. (SILVA, 2008, p.32)





Partindo ainda do pressuposto que as práticas de alianças se articulam em um dado espaço territorial, compreendendo também que têm seus próprios ritmos, determinado ou não por interesses ocultos, e assim, motivando também as ações sucessivas. Num primeiro momento pode parecer comum e por isso não provoque estranhamento, nem os interesses de pesquisas mais aprofundadas, porém, podem ser as variantes necessárias para as análises. Deste modo, muitas vezes é preciso reaprender e reinterpretar as operações mais comuns, para poder descrevê-las com maior evidência os detalhes. (CERTEAU, 2014).

### **PADRE ALFREDO PINTO DÂMASO: AS AÇÕES DO INTERCESSOR**

De maneira não linear, procuramos traçar as relações sociais e políticas que justificam as escolhas dos Carnijó/Fulni-ô, habitantes em Águas Belas/PE, primeiro povo indígena reconhecido pelo SPI no Século XX na Região posteriormente chamada de Nordeste, onde a intervenção/mediação do Pe. Alfredo foi fundamental e desencadeou as mobilizações de outros povos, que também contaram com o apoio do religioso para serem reconhecidos com a instalação de postos indígenas nas terras onde habitavam. Considerando o período histórico da extinção dos aldeamentos no Nordeste no final do século XIX e a destituição dos territórios indígenas, que deixaram de ser vistos enquanto coletividades e passaram a ser considerados “misturados”<sup>3</sup>. O que excluiu os índios não só de seus direitos étnicos, mas também da historiografia oficial do período e posterior. (OLIVEIRA, 1998)

Desse modo, tornou-se necessário estabelecer um mediador para aproximá-los dessa esfera, talvez inatingível diretamente, o Estado. Essa dinâmica possibilitou a extensão das relações mediador/Estado aos povos indígenas, entendida como contrastante e desigual em todos os contextos históricos, porém, atenuada após a mediação. (VALLE, 2015)

O Padre Alfredo Pinto Dâmaso então Pároco de Águas Belas/PE e Bom Conselho/PE, nascido em Alagoas em janeiro de 1881, no Engenho Furado no município de São Miguel dos Campos/AL. Viveu sua infância no Engenho Cariri,

---

<sup>3</sup>Termo utilizado para desclassificar etnicamente os índios no Nordeste, estigmatizando-os. (OLIVEIRA, 1988).





pertencente a sua família, localizado no município de Boca da Mata/AL. (DÂMASO, 2010)

Respeitado por suas origens familiares, na sua trajetória na Igreja Católica Romana galgou formação secundária e superior no Seminário de Olinda, conquistando a posição de Conselheiro Clerical. Como cidadão participante nas dinâmicas locais e regionais, alistou-se como Capelão Militar na Revolução de 1930, sob as ordens do Tenente Juarez Távora, braço direito do Presidente Getúlio Vargas. Transitou em vários setores da sociedade, destacando-se em todos.

Como visto, as suas relações incluíam desde os superiores na Igreja, profissionais do Direito, juízes, militares, deputados, governadores, editores de jornais e até mesmo o Presidente da República. Para aprofundar as análises dessas relações, foi necessário selecionar trechos do jornal *O Clarão*, publicado no município de Bom Conselho, a partir de outubro de 1925, que manteve seu funcionamento até novembro de 1926, do qual o Padre era fundador e editor chefe, junto a Severino Leite e Baptista de Almeida, dois Juízes de Direito municipais. Destacando-se assim o nível do alcance das reportagens publicadas no jornal, bem como, o espaço ocupado pelo religioso naquela sociedade.

É bastante difícil estabelecer uma narrativa linear compreendendo todas as situações que envolviam tais relações. Para melhor compreendê-las, seria necessário retomar décadas de histórias expressas numa grande quantidade de informações referentes à época. E mesmo tratando-se de uma pesquisa extensa, possivelmente escapariam alguns aspectos ou temáticas que não tenham sido evidenciados em jornais, documentações oficiais ou pessoais. Deste modo, partiremos da análise do citado jornal e de cartas do acervo pessoal do Padre Alfredo, na tentativa de compreensão do como estabeleceram-se as suas relações conexas.

Em esferas regionais, o religioso buscou inicialmente conquistar a empatia de Sérgio Loreto, então Governador de Pernambuco, nascido na cidade de Águas Belas, onde habitava o povo Carnijó/Fulni-ô e onde o Padre Alfredo também era Pároco. Na oportunidade, o jornal local parabenizava o “Dr. Sérgio”, pela ocasião do seu terceiro aniversário de gestão:





Levamos ao povo de Bom Conselho os nossos saudares pelo benefício obtido e o Dr. Sergio Loreto, a expressão maior dos nossos aplausos por sua administração proveitosa e honesta, atestando como no caso vertente, os bons intuits do governo, em concorrer para a grandeza de Pernambuco.<sup>4</sup>

Mal sabiam os editores daquele pequeno jornal, que o Governador Sérgio Loreto, segundo as palavras do próprio Padre Alfredo, (1931, p.6), teria sido um “famigerado patricio [...] ex Governador de Pernambuco e de nefandíssima memoria nos annaes dos Carijós. ” Relações cujos detalhes estão distantes da história escrita, exceto por esse documento produzido pelo Padre, talvez intencionalmente. Os embates diretos com uma personagem que detinha um expressivo poder no estado, poderia não ser interessante para o religioso, ou para a causa dos Carnijó/Fulni-ô.

Na ocasião da fundação<sup>5</sup> do *O Clarão* em novembro de 1925, o Padre Dâmaso presidiu a cerimônia de abertura junto a Severino Leite e Baptista de Almeida, ato coincidindo com a posse do Coronel José Abílio Albuquerque Ávila, que viria tornar-se um dos mais ferrenhos inimigos do sacerdote. Na segunda página do jornal estava estampada a notícia: “O acto de posse, que será festivo, terá logar no Edificio do Paço Municipal, caprichosamente engalado para tal fim. ”<sup>6</sup> Diferente de outros momentos em que o Padre agia com cautela, os conflitos com “Zezé Abílio”, nome pelo qual o Coronel ficou conhecido no jornal, foi uma disputa conflituosa, na qual os índios Fulni-ô em Águas Belas, para enfrentar o Coronel, passaram a proteger o Padre como escudo humano.

Sua empatia pela causa dos revolucionários dos anos 1920 foi expressa nas matérias posteriores, ao tempo que era registrado no *O Clarão* a admiração e respeito ao General Dantas Barreto, um dos articuladores desse movimento, junto a Nilo Peçanha, em Pernambuco. O que contribuiria para as posteriores manifestações militares e civis que culminaria na Revolução de 1930. Mais tarde, não por acaso, o General, “simpatizante” da causa indígena, emprestaria o nome ao Posto Indígena Fulni-ô, em Águas Belas,

---

<sup>4</sup> “O 3º aniversario do governo do Dr. Sergio Loreto”. In: *O Clarão*. Bom Conselho/PE, 30/10/1925, p.2.

<sup>5</sup> “Fundação d’ “O Clarão”. In: *O Clarão*. Bom Conselho/PE, 30/10/1925. p.3.

<sup>6</sup> “A posse do novo governo Municipal e A solenidade do acto”. In: *O Clarão*. Bom Conselho/PE, 15/11/1925, p.2.





Cumprimentos a Dantas Barreto pela nossa illustrada confreira “A Noite”, que se publica na Capital, sabemos que viajara em breves cias ao Recife, o bravo Marechal Dantas Barreto, ex-governador de Pernambuco e seu ex-representante na Camara Federal. De uma honestidade invulgar, a administração do General Dantas Barreto foi, na curral governamental, uma das mais profícuas para o Estado de seu nascimento, dando S Excia. Provas frisantes de seu grande patriotismo e amor a terra que teve a felicidade de lhe servir de berço. Os nossos cumprimentos à S. Excia.<sup>7</sup>

Os ataques aos membros da equipe editorial do jornal tornaram-se frequentes a partir de então. Frequentes também seriam as respostas públicas aos ataques, nas quais o sacerdote reafirmava os critérios de “imparcialidade à vida do município”. Negando atacar determinados indivíduos de forma irresponsável, a respeito às críticas por causa das reportagens do jornal o Padre era enfático pedindo ordem. Mesmo tendo que expurgar o município, moralizar e sanear.

Desdoirar-se taes nobres sentimentos, olhar-se a acção deste jornal com os olhos vêsgos da obsessão mais estúpida, crer que as palavras que teem sido ditas e os conceitos expendidos, occultam fins desonesto, animados por intenções menos justas, não é só perverter a grandesa dos nossos sinceros propósitos. É mais: \_É torpeza. \_É vilania. Temos guardado, como no promeiro número deste semanário, a mais absoluta imparcialidade, quando tratamos da vida do município, em qualquer dos aspecto sem que encaremos.<sup>8</sup>

Ao tempo em que demonstrava preocupação com educação precária naquela cidade, fazia elogios a Costa Rego, Governador de Alagoas na época. É importante também, considerar essa atitude como uma nova “teia” tecida, nesse momento, com políticos alagoanos, favorecendo mais tarde as emergências étnicas no estado de Alagoas. No *O Clarão* registrava-se a notícia: “Agora mesmo soubemos de um gesto muito nobre do Sr. Costa Rego, digno governador de Alagôas: Em todos os recantos do Estado a e difundir-se a instrucção.”<sup>9</sup>

Estendendo o alcance do jornal a outros estados e municípios, o religioso enviava edições a outros jornais e publicava no *O Clarão* os pareceres voltados a edições publicadas sobre quando ocorreu o “aparecimento”, a confiabilidade transmitida e a qualidade das reportagens. Assim conseguiu uma publicidade positiva para o jornal, ao tempo que rebatia as críticas recebidas

---

<sup>7</sup>O Marechal Dantas Barreto”. In: *O Clarão*. Bom Conselho/PE, 15/11/1925, p.4.

<sup>8</sup>Idem. Ordem... Ordem... In: *O Clarão*. Bom Conselho/PE, 05/12/1925. p.1.

<sup>9</sup>Idem. Conceitos que muito honram o O Clarão. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE, 05/12/1925. p.2.





Do “Jornal de Alagoas” de Maceió. “O Clarão” – Visitou-nos o número 3 d’O Clarão” bem feito semanário que se edita na cidade de Bom Conselho, do Estado de Pernambuco. Dirigido pelo padre A. Damaso, e redactoriado pelos drs. Seve Leite e Baptista de Almeida, o novo colega apresenta boa matéria editorial e de colaboração, bem como agradável feição material. [...] Da “A Serra” de Timbauba. “O Clarão” \_ Sob a direção do padre A. Damaso e a redação dos srs. Seve Leite E Bap. Almeida vem de surgirna prospera cidade de Bom Conselho esse bem confeccionado órgão de publicidade. O primeiro numero do “O Clarão,, que temos à vista recomenda-se pela boa colaboração e pelo magnifico serviço material. Somos gratos á visita do distincto colega.<sup>10</sup>

Pela empatia que os cidadãos nutriam pelo Padre Dâmaso em concordância com sua atuação, foi possível ter ideia da representação da figura do religioso em relação aos cidadãos nos mais diferentes âmbitos, evidenciando não só o seu papel de pároco e editor de jornal, mas também como um defensor dos índios. Considerar esses aspectos contribuiu na busca de interpretação dos significados de suas ações e o simbolismo envolvendo a sua imagem. Não apenas no sentido imediato, mas no que se transformou, transportando essa significação para o campo do visível. (GEERTZ, 2015)

Dentro desta magríssima carcaça. A alma forte dum Herculer palpita: \_Se não se abate aos golpes da Desdita, Ri da Ventura, que é ilusão e passa. A’ multidão que o segue e que se agita, Ao vê-lo na grandeza ou na desgraça Elle da Fé a estrada de ouro traça, Recta, suave, esplendida, infinita... E’ quem ordena aqui... De todo nós, E’ o chefe... é o nobre guia espiritual, Desses broncos e tristes “ Carijós”. Uma cousa somente o faz feliz: \_ E’ ver que não tem no bolço um real, Todo o empregou nas obras da Matriz. Sylvio. <sup>11</sup>

As publicações posteriores ainda viriam imbuídas de esperanças a respeito da possível votação favorável a lei da anistia. Mais uma vez a política nacional era pensada a partir da local. Não faltaram elogios ao Deputado Flores da Cunha, em favor da lei que fazia alusão a “pacificação nacional”:

O gesto do deputado Flores da Cunha, abandonando a Câmara que se oppõe á votação da lei de amnistia aos revoltosos, faz a característica inconfundível do guerreiro gaúcho. Preferindo os perigos da refrega sanguinolenta nas Cochilhas, à calmaria dos corredores da câmara, ao general Flores da Cunha assistia nesse sombrio momento o direito de ser atendido no seu ideal de pacificação.<sup>12</sup>

<sup>10</sup>“Conceitos que muito honram o O CLARÃO”. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE, 05/12/1925, p.2.

<sup>11</sup> Idem. CARÊTAS... In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE. 09/01/1926. p.2.

<sup>12</sup> O Clarão.PELA AMNISTIA. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE, 23/01/1926. p.2.





As teias caminhavam para o plano jurídico e o que foi possível de ser confirmado na expressa empatia pela figura de um Desembargador, frente as causas defendidas pelo Padre, que estrategicamente firmava sua rede de relações, evidenciando assim uma posterior troca de favores:

Recto, probo, de uma vasta cultura jurídica, já havendo ocupado vários cargos de destaque e confiança, entre eles o de Chefe de Polícia do Estado, numa época atormentada por dissensões na política de Pernambuco, a eleição do Desembargador Gondim não é só uma justa homenagem aos seus méritos, mas, também, uma honra para o próprio Tribunal, que o elegeu.<sup>13</sup>

No panorama político nacional as forças se contrapunham com as possibilidades de uma guerra civil no país. Nesse contexto, o Presidente Artur Bernardes organizava as forças militares favoráveis ao seu governo dispersando os revoltosos para o interior do país que se juntarem aos militares liderados por Luís Carlos Prestes. Bom Conselho, distante geograficamente do centro dos acontecimentos, assistiu e participou efetivamente desta conjuntura:

Tem sido de cruciantes apreensões, maximé para as populações sertanejas o movimento bélico que neste últimos dias tem agitado o nordeste. [...] Em Bom Conselho, felizmente o povo se tem conservado calmo e confiante na ordem, convencido, como estão todos, de que, se por parte dos soldados que se batem pela legalidade há o espirito de disciplina plantada pelos dignos officiaes que os guiam, também no caso contrario, não lhes resta a menor duvida de que o exercito revolucionário é conduzido por Miguel Costa, Prestes, Siqueira Campos e outros officiaes educados e de cuja honradez não é lícito duvidar segundo afirmam os próprios companheiros de farda[...].<sup>14</sup>

De certo, não havia como negar a admiração dos redatores do jornal, em especial do Padre Alfredo pelos Tenentes da Coluna Prestes, mesmo resguardando a si e ao jornal. A preferência ficou evidente no texto do jornal *O Clarão* que noticiava: “As estas horas os legionários de Prestes estão já bem distante das fronteiras de Pernambuco [...] Pernambuco de hoje, nas chapadas do Nordeste, revive toda a coragem indômita dos guerreiros de Mathias de Albuquerque. Honra lhe seja feita.”<sup>15</sup>

A “revolução” representava mais que uma nova esperança contra os desmandos das oligarquias reinantes, representava também as possibilidades de participação efetiva

<sup>13</sup>Idem. Desembargador Bellarmino Gondim. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE. 06/02/1926. p.1.

<sup>14</sup>O Clarão. O momento. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE. 27/02/1926. p.2.

<sup>15</sup>Idem. As forças pernambucanas. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE. 20/03/1926. p.1.







nas mudanças pretendidas. Nestes termos, quando a Coluna Prestes passou pelos sertões nordestinos com promessas de vitória e ao mesmo tempo provocando temor e incerteza sobre cenário sociopolítico no país, *O Clarão* anunciava os acontecimentos que se sucederiam “Que espectáculo comovedor não deverá ser o dessa colossal serpente humana que para ahi se vae arrastando, pelos sertões pátrios, batida aqui, vencendo adiante, mas entretanto na marcha fatal para a sua finalidade, que será o desespero e a desagregação?!..”<sup>16</sup>

Mais tarde, livre da possibilidade de ser rechaçado por políticos da situação, a preferência pelos revoltosos da Coluna Prestes seria ratificada na carta “Pelos índios. O Serviço de Proteção aos Índios e a Tribu dos Carijós” publicada em 1931, quando o Padre Alfredo defendeu o investimento no SPI comparando com outros gastos, que teriam sido vãos e injustos. Deste modo, o religioso questionou: “Quantas, centenas de milhar de contos teria gasto o governo para dar caça, inutilmente, aos heroicos e invencidos legionários de Luiz Carlos Prestes? E com a imigração estrangeira?” (DÂMASO, 1931, p.10).

Durante o governo de Washington Luís, o contexto social e político era nada ameno, como evidenciado anteriormente, após levantes militares no país, com o objetivo de combater os privilégios das oligarquias dominantes. Os militares defendiam posições bem aceitas pela classe média brasileira, o que explicava as posições do pequeno e jovem jornal bomconselhense *O Clarão*, frente aos acontecimentos. Ora com a estratégia política de elogiar o Presidente, destacando as nuances do momento histórico vivido e atribuindo-lhe o papel de “redentor” de alma bondosa, ora incitando sutilmente que fosse concedida a anistia aos exilados participantes das manifestações militares dos anos 1920. Dessa forma, o jornal optando pelo não enfrentamento aberto, participou de espaços que estariam fechados caso a sua atitude fosse outra.

O jornal *O Clarão* deixou de ser publicado pouco mais de um ano de seu aparecimento. Acompanhada dessa notícia viria outra, O Padre Alfredo Pinto Dâmaso, cansado das disputas política em Bom Conselho e redondezas, despedia-se da região por tempo “indeterminado”, alegando desgaste físico e saudades da família. Considerando seus argumentos válidos, o afastamento foi concedido pelo Bispo Diocesano.

---

<sup>16</sup>O Clarão. Os rebeldes. In: *O Clarão*, Bom Conselho/PE. 27/03/1926. p.1.





Afastado da paróquia do município de Bom Conselho, foi nomeado pároco em Anadia/AL em 1926, onde permaneceu até 1932. Período em que serviu na Coluna Juarez-Juracy Magalhães<sup>17</sup>, na qual firmou laços importantes que contribuiriam para o reconhecimento étnico indígena no Nordeste, mais especificamente em Pernambuco, Alagoas e Norte da Bahia.

O religioso não poderia prever que mais tarde voltaria àquela região, após uma mobilização a fim de garantir o seu retorno a cidade e para os seus munícipes. Deste modo, “Em 19 de fevereiro de 1932, retornou a Bom Conselho. Atendendo a um abaixo-assinado com mais de 2.000 assinaturas do povo daquela cidade, desejando sua volta e onde permaneceu até o final da vida em 1964”.<sup>18</sup>

## CONCLUSÃO

A atuação do Padre Alfredo foi permeada por relações influentes nos âmbitos social, religioso, militar e político, favorecendo a escolha dos índios para intervir em seu favor. Com destaque no reconhecimento étnico oficial dos Fulni-ô, intermediado pelo religioso, que logo inspiraria as mobilizações de outros povos indígenas no Nordeste.

É importante compreender que as teias, as conexões e as alianças convergem, interagem, não simplesmente acontecem, mas são estimuladas a acontecerem. Então é necessário fazer uma análise profunda das situações, sem entendê-las como coisas abstratas e desconectadas ou com padrões únicos. Pois a análise, não deve unificar com uma explicação simplista, mas explicitar coerência as narrativas, considerando os caminhos trilhados, os espaços temporais e geográficos (sem limitar-se unicamente a tais) e as redes de relações tecidas a partir desse conjunto. (GEERTZ, 2015)

Falecendo no Recife/PE em junho de 1964, após sua morte evidenciou-se reflexos destas relações. Na Câmara Federal foi realizado um discurso póstumo pelo Deputado Federal Oséas Cardoso, intitulado “Em memória do Padre Dâmaso”, no qual afirmou: “com 83 anos, fechou os olhos para eternidade o meu ilustre e saudoso amigo

---

<sup>17</sup>Pronunciamento do Deputado Federal Oséas Cardoso na Câmara dos Deputados. **Em memória do Padre Dâmaso**. Departamento de Imprensa Nacional. Em 17/07/1964.

<sup>18</sup>DÂMASO, Moacir. **Padre Alfredo Dâmaso: dados biográficos**. Texto disponível no Memorial Padre Alfredo Pinto Dâmaso, Bom Conselho/PE.





Monsenhor Alfredo Pinto Dâmaso, sacerdote cujo nome projetou-se pelos seus valiosíssimos serviços prestados à Pátria, de maneira incomum no Brasil inteiro. ”<sup>19</sup>

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes e fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DO VALLE, Carlos Guilherme. Etnicidade e mediação como política e cultura. In: VALLE, Carlos Guilherme. (Org.). **Etnicidade e mediação**. São Paulo: Annablume, 2015, p.13-61.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

SILVA, Edson H. **Xukuru: memórias e História dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988**. Recife: EDUFPE, 2014.

SILVA, Edson. Xukuru: A conquista do Posto. O início da atuação do SPI entre os Xukuru de Ororubá (Pesqueira-PE). In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. (Org.). **Memória dos SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios(1910-1967)**. Rio de Janeiro: Museu do índios/FUNAI, 2012, p.274-283.

SOUZA LIMA, Carlos Souza. **Um Grande Cerco de Paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1995

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: **Mana**, vol.4, n°.1, p.47-77, abr. 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

## DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

DÂMASO, Moacir. **Padre Alfredo Dâmaso: dados biográficos**. Texto disponível no Memorial Padre Alfredo Pinto Dâmaso, Bom Conselho/PE, 2010.

Pronunciamento do Deputado Federal Oséas Cardoso na Câmara dos Deputados. **Em memória do Padre Dâmaso**. Departamento de Imprensa Nacional. Em 17/07/1964.

---

<sup>19</sup>Pronunciamento do Deputado Federal Oséas Cardoso na Câmara dos Deputados. **Em Memória do Padre Dâmaso**. Departamento de Imprensa Nacional. Em 17/07/1964.



